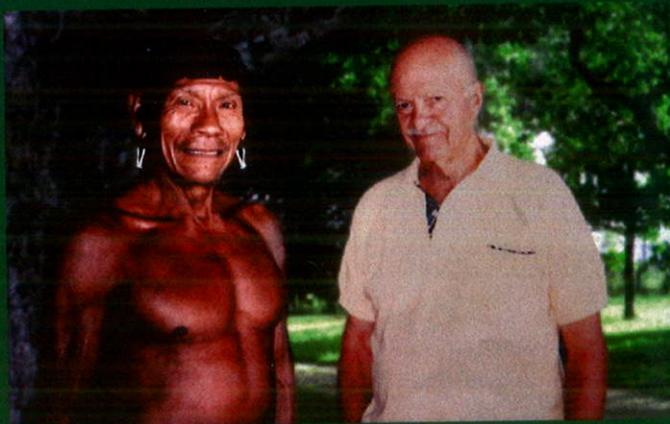


Cassio do Val

Retratos  
de  
Redenção

Retratos de Redenção



Kanhoc e João Lanari

Cassio do Val



## Retratos de Redenção

Cassio do Val



o início de uma CIVILIZAÇÃO pela conquista da FLORESTA  
- Sufocará percorrido pelo antigo, a cavalo, em 4 dias de VIAGEM -  
HOJE em APENAS 40 minutos



## Apresentação

Uma das lembranças da minha infância são as longas ausências do meu pai, que se demorava nos caminhos de Goiás e, depois, do Pará. Desde os nove anos, escutava-o falar sobre a região Sul do Pará. Aos quatorze, eu o acompanhei até a região pela primeira vez. Fomos de fusca de São Paulo até Goiânia; de lá, DC-3 a Conceição; e, por fim, de Cessna, do dr. Urbano Junqueira, até a Fazenda Santa Tereza.

Desde então, divido meu tempo entre Redenção e São Paulo, e pude acompanhar, de perto, esta emocionante aventura sul-paraense. Morando na fazenda, não tive contato próximo com a vida urbana. O esboço histórico que tracei foi baseado em livros que cito no final.



## Capítulo I

A região sudeste do Pará tem diferentes padrões de floresta como vegetação original predominante. Desde as povoadas de castanheiras, as mescladas com babaçuais aos chamados cerradões fechados, e outras.

Extensões significativas, no entanto, constituem o bioma do cerrado. Estas variam de campos limpos, salpicados de árvores retorcidas e resistentes ao fogo, à capões de matas isolados ou na beira dos cursos d'água. Estes cerrados predominam nas imensas áreas do Brasil central e atingem o atual estado do Tocantins, sul do Maranhão e outras regiões. Os campos; os quais cobrem as margens do rio Pau D'arco e seu principal afluente, o Arraia, e tocam a margem do Araguaia na região da atual Barreira do Campo; tornaram-se conhecidos como Campos de Pau D'Arco.

Outras áreas semelhantes situam-se na vertente do Xingu, na bacia do Rio Fresco, tais como os Campos



do Triunfo próximos ao rio Branco, e os campos do Gorotire.

Índios kayapó, divididos em diversos grupos, em lugar onde nem sempre predominava a paz entre eles, residiam na região. Esses faziam parte do grupo linguístico jê, o mesmo dos xavantes, xerentes, timbiras e outros que habitavam o cerrado. As aldeias, em sua maior parte, localizavam-se nesses campos – local de prática de uma agricultura primitiva, além de caça, pesca e coleta. Cisões e mudanças em busca de áreas mais propícias para a caça eram frequentes, e, por esses motivos, trilhavam as vastas extensões de mata fechada que interligavam os campos.

Nas margens do Araguaia viviam os Carajás, de outro grupo linguístico, nem jê e nem tupi. Distinguiam-se por dominar a navegação em ubás – embarcações de casca ou tronco de árvores. Dominavam a Ilha do Bananal e o Araguaia.

Em meados do século XIX foram chacinados pelos Kayapós perto de Itaipavas, a norte de Conceição, e então foram se recolhendo para mais próximos da Ilha do Bananal. O Araguaia foi, por muito tempo, o único cami-



nho possível a essas vastas regiões. Após a sua descoberta pelo bandeirante Anhanguera - Bartolomeu Bueno da Silva, a implantação de diversas explorações mineiras e a instalação da capitania do Goiás, o rio se tornou uma alternativa ao caminho feito a duras pernas por São Paulo ou por Minas Gerais.

Logo no ano de 1750, o governador de Goiás, Dom Marcos José de Noronha e Brito, mandou vir de Belém o abastecimento para a capitania.

Ao longo do século XIX, destaca-se empenho de Couto de Magalhães na instalação de uma navegação regular: conseguiu trazer de Cuiabá, dentro de mais de quinze carros de boi, um barco, à vapor, desmontado e o montou no Araguaia. Embora o seu sonho não se realizasse, o rio tornou-se a via de comunicação desta região. Atingia, pelo rio Tocantins, não apenas Belém, mas, também, algumas vilas formadas tanto no lado goiano quanto no lado maranhense – este já no final do século XIX, com a chegada de pessoas que povoaram os campos pastoris da região conhecida como Pastos Bons, no Maranhão.

Esse contingente era a frente do vasto movimen-



to pastoril que teve origem na Bahia e Pernambuco, avançou o Piauí e atingiu a região de Pastos Bons, no Maranhão. De forma natural, penetrou nas áreas propícias à pecuária e formou todo um modo de vida característico, no qual o objetivo foi o fornecimento de carne e couro às regiões produtoras de açúcar, em princípio, e, mais tarde, às regiões mineiras. Esta frente pecuária espalhou-se pelo atual estado do Tocantins.

No início do século passado atingia o rio Araguaia e passava para o estado do Pará na altura de Barreira do Campo. A exploração era extensiva e o gado vivia solto, sem existência de cercas. Havia apenas um curral e a habitação do vaqueiro, o qual praticava, por vezes, uma agricultura rudimentar e de subsistência. A remuneração consistia numa parte das crias obtidas. Levando, com algum tempo, o vaqueiro, contendo certo número de cabeças, a estabelecer-se num local propício, trazendo dinamismo à frente pecuária.

Navegaram pelo Araguaia comerciantes, garimpeiros e outros aventureiros. Entretanto, em meados do século XIX, missionários religiosos buscavam promover a catequese dos indígenas. Por volta de 1850,



os Carajás no Araguaia, e os Kayapós da região do Pau D'arco foram os primeiros objetos da catequização dos missionários carmelitas, tornando-os predispostos ao contato.

Em 1881, o governador do Goiás – Joaquim Almeida Leite de Moraes – retirando-se para São Paulo, preferiu embarcar em Leopoldina, no Araguaia, e descer de barco à vapor até, aproximadamente, a atual Conceição do Araguaia. Após Conceição, desceu o rio em um bote com dezesseis remeiros, além do piloto, chegando a Belém. Na maior parte do caminho, encontrou, apenas, velhos presídios e aldeias Carajás. Somente em Xambioá, encontrou uma pequena colônia agrícola e pecuária organizada por gente vinda de Boa Vista, à margem do Tocantins, liderados por Padre Salvino - havia um caminho ligando Xambioá a Boa Vista. Mais ao norte, encontrou o padre em São Vicente, então, o último ponto povoado do estado do Goiás.

Em 1897, o dominicano Gil de Vilanova saiu da Missão de Porto Nacional, explorou a região e, primeiramente, fundou uma missão em frente a um pequeno povoado, na atual Barreira do Campo na margem goiana, na qual os habitantes haviam saído das margens do To-



cantins após a guerra da Boa Vista, entre famílias rivais e já conhecidas do dominicano, quando esse exercia seu ministério em Porto Nacional.

Estes habitantes praticavam a pecuária e já haviam feito alguns contatos com os Kayapós, dando, vez por outra, reses para eles comerem, facões, anzóis e outros agra- dos, o que facilitou o contato com o Frei Gil. A região, no entanto, era um pouco insalubre: haviam áreas baixas, que alagavam no período das cheias ao redor da missão. Tan- to na margem da vila quanto na outra margem. A conse- lho do navegador francês Henry Coudreau; que naquela época fazia uma exploração contratada pelo governador do Pará, Lauro Sodré, desde o Tocantins até o Tapirapé, defronte a Ilha do Bananal, então divisa Pará – Mato Grosso; fundou-se uma nova missão em Conceição do Araguaia. Coudreau indicou o sítio de Conceição por sua salubridade, disponibilidade de terras altas e, apesar das matas que a cercavam, a alguns quilômetros esten- diam-se os vastos campos de Pau D'arco. A nova missão atraiu os indígenas – estes logo abriram picadas dos cam- pos, onde tinham aldeias, até Conceição. Logo após, um grupo de habitantes de Barreiras, alguns comerciantes,

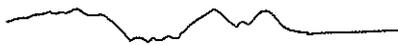


se mudaram para a nova vila. Animaram-se todos pois, a menos de vinte quilômetros, dentro do estado do Pará, descortinava-se uma vasta área de campos pastoris.

A pacificação dos indígenas foi um fator acelerador da penetração da frente pecuária pelo Pará, ao contrário da encarniçada resistência dos Timbiras nos Pastos Bons ou dos Xavantes no Mato Grosso, que somente foram pacificados na década de 1950.

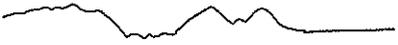
Por esta época, últimas décadas do século XIX, o ciclo da borracha atingiu o sudeste do Pará, sendo res- ponsável pela ida de levas de gente à Conceição e região, e Marabá. Partiram, sobretudo, do Nordeste, com ênfase maior no Maranhão. A relação de trabalho característica da borracha era o aviamento – que consistia num capi- talista que adiantava a mercadoria a altos preços e depois comprava a goma a preços aviltados, objetivando manter o trabalhador em situação semelhante a escravidão.

A exploração da borracha utilizou os caminhos dos indígenas. Aproveitou a navegação pelos rios Pau D'arco e Arraia, e formou entrepostos; o primeiro no Pau D'arco, atual Las Casas, e o segundo no Arraia; nas duas aldeias kayapós, transformando-as em vilarejos de caucheiros.



A mão-de-obra indígena também foi utilizada, cooperando na diminuição drástica da população e os obrigando a se retirarem dos campos de Pau D'arco. A borracha era transportada de Conceição a Belém descendo o perigoso trecho entre Marabá e Baião, enfrentando as temidas Itabocas (atual Tucuruí) ou eram despachadas pela trilha que ligava o Araguaia a Pedro Afonso e aberta, originalmente, pelos dominicanos, retificando os velhos caminhos indígenas e pecuários, e do Tocantins para a Bahia, pelos antigos caminhos que alcançavam o São Francisco.

Esta grande movimentação durou até 1920 e diminuiu rapidamente após o esgotamento do caucho, predominante na vertente do Araguaia e cabeceiras do Fresco, o qual se abatiam as árvores a fim de obter a goma, diferente da seringueira, predominante no Xingu. Contribuiu, também, a queda do preço internacional, com a entrada da produção asiática oriunda de sementes de seringueiras levadas pelos ingleses e plantadas em mordes comerciais. Houve um pequeno ressurgimento da exploração de borracha durante a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), chamada de segunda borracha, segundo ciclo todavia sem o brilho da primeira. Esta ligeiramente se esgotara.



Com o relativo despovoamento da área, outro grupo Kayapó, os Gorotires, tomados de maior agressividade, voltaram a frequentar a região, efetuaram ataques à grupos isolados e instauraram o medo entre os moradores. Por empenho dos religiosos, liderados por Dom Thomaz Balduino e de agentes do SPI, Serviço de Proteção ao Índio, estes se acalmaram e se aldearam, mais uma vez, na beira do Pau D'arco, restituindo paz na região.

Em pouco tempo a vasta região pastoril foi ocupada pela pecuária, controlada pelos comerciantes de Conceição do Araguaia, com as melhores localidades. Tal como produtores com pequenos rebanhos, em luta pela subsistência.

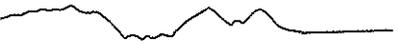
A diocese de Conceição tinha forte influência. De lá, periodicamente, partiam os padres, em longas desobrigas, percorrendo os antigos caminhos.

Fundou-se próximo ao Araguaia, na atual Araguacema, uma charqueada que dinamizava o mercado de carne na região. O charque era levado de avião até os centros consumidores. Um avanço sabendo-se que as boiadas eram levadas até Belém pelas margens direitas do Araguaia, e durante o período de estio, passando para a margem esquerda, desciam, por uma trilha, margean-



do as temidas cachoeiras de Itaboca até atingir o baixo curso do Tocantins, onde eram embarcadas para Belém.

Por essa época começa a avançar por Goiás outra frente de expansão ao norte, com característica nova em relação a frente pecuária: procurava-se, também, áreas de melhor qualidade, onde se procedia o desmatamento a fim de introduzir roças de arroz, milho, ou algodão e posterior formação de pastos de capim jaraguá e colonião. Essa frente, durante o governo de Juscelino, com o início da construção da rodovia Belém-Brasília, já havia fundado São Miguel do Araguaia e, no final da década de 1950, penetrado no vale da Lontra, próximo da atual Araguaína.



## Capítulo II

Na década de 1950 o país olhava seus imensos vazios, o sertão estava ao alcance. Goiás assistia à grande movimentação e o andamento da Belém – Brasília impulsionava para o Norte. Após a expedição Roncador (parte do processo de interiorização do Brasil), criada em 1943 pelo governo de Getúlio Vargas e liderada pelos irmãos Villas Boas, o Araguaia já não limitava a ambição dos sertanistas.

Apareceram alguns empreendedores, bandeirantes modernos. Vinham atrás das grandes áreas para colonizar. Entre eles, Ariosto da Riva em Suiá Missú e, depois, Alta Floresta, e Enio Pepino em Sinop, estes no Mato Grosso.

João Lanari do Val, desde 1950, pisava em Goiás. Sua rota passava por Goiânia, Goiás Velho, e, numa estradinha retocada por ele, seguia até Jussara e Itapirapuã, onde organizava sua fazenda, a posteriori vendida. Por lá escutou as histórias das matas de Conceição: lim-



pas, avarandadas, palmito, mogno, e terra boa e macia. No dizer do caboclo, “não merece ser pisada, tem que andar de joelhos”. “Um sonho”!

Com a rodovia Belém – Brasília por terminar, Lanari dirigiu-se à Prospec, empresa de aerofotogrametria do Rio de Janeiro responsável por concluir o levantamento fotográfico da região. Lá, o geólogo Silvio Guedes lhe mostrou as terras roxas do Cumaru e assinalou a qualidade excepcional das matas no divisor Araguaia – Xingu, cabeceiras do Pau D’arco. Mereciam serem conferidas pessoalmente.

Deslocou-se de Jussara, então, o José Bueno, mateiro experiente, que, em 1925, acompanhara a Coluna Prestes em seu périplo pelo Nordeste. De condução, chegou ao Guaraí, e depois, por trilhas, atingiu Conceição do Araguaia, acompanhado de Ademar Guimarães, ainda jovem. Comprou alguns animais, alugou outros, organizou rancho, tralha, guia e, então, telegrafou a Lanari. O paulista logo chegou de DC3, do Correio Aéreo Nacional, com seu amigo Jorge Mendonça. Estavam munidos de um mapa-croqui elaborado na Prospec e bússola. Em agosto de 1959, partiam para o sertão. No primeiro dia



de viagem, não conseguiram atingir o rio Arraia; onde havia um vilarejo, atual Alacilândia; e pousaram no Lajedo da Missa, atual entroncamento de Barreira do Campo. Ao continuarem a viagem, rumo a oeste, nas brechas de campos, avistavam, ao longe, a serra e, ao norte, um morrote cônico destacado: era a referência.

A cada morador Lanari perguntava: “Quem mora neste rumo”? “A quantas léguas”?

Atingiram o Ribeirão Porteira, onde existia outro pequeno arraial, em que, possivelmente, na época da borracha, desciam cargas, para embarcar no Pau D’arco, no batelão de Raimundo Lima, até Conceição. Por lá, também, passavam índios e mariscadores de pele, demandando o Xingu através da picada conhecida como Caminho do Ouro.

Houve um problema durante a expedição: o guia Siriqueira sentiu medo da mata, índios, onças até, criaturas do imaginário popular. Felizmente, lá estava o Raimundo Preto que prontamente se ofereceu como guia. Ele estava mesmo transitando para o Xingu. E, então, seguiram, passando pelo riacho Acaba-Saco e margeando a serra. E quando a serra passou, a mata foi melhorando.

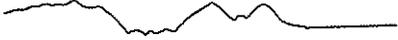


Raimundo Preto seguia na frente, com o facão sempre na mão. Logo ocorreu um encontro com os Kayapós. Raimundo falava a língua deles, e, assim, Lanari conheceu Kanhoc, então rapaz, que se tornou cacique dos Gorotire e amigo da família até a data de seu falecimento.

Os pousos da rota eram os pontos onde a água não secava. Pinguelista virou a atual sede da Fazenda Santa Tereza, onde existiam mangueiras, hoje com mais de 60 anos; Açaizal de Pedra, o atual retiro Nazareth. Na travessia do ribeirão Pau D'arco, em uma de suas cabeceiras, havia um pastinho de bengo, capim natural de baixada. Ali a tropa passou, aproximadamente, quatro dias se refazendo. Lanari aproveitou esses dias em exploração e caçando naquela mata esplêndida de terra tão boa que se deu por satisfeito e resolveu voltar dali mesmo, sem atingir o Cumaru, objetivo da expedição.

Requerida a área em Belém, as pessoas se admiraram por ele querer terras naquele ermo. Com um trabalho persistente, titulou 80 léguas, de 900 alqueires cada, e fundou a Fazenda Santa Tereza.

Distintos empreendedores seguiam receitas semelhantes. Carlos Ribeiro, praticamente, desenhou o mapa



fundiário ao sul da Santa Tereza. O enorme loteamento que se estendia até a divisa com o Mato Grosso foi quase inteiramente vendido para compradores, principalmente paulistas e, também, goianos e mineiros. Os Prudente, que já operavam a charqueada em Araguacema, também atuaram na região.

Nadir Helou, o Moleque Dezoito, trouxe Paulo Quartim Barbosa para a Santa Fé. Braz Nogueira demarcou a Codespar, posteriormente adquirida por Nicolau Lunardelli. Logo vieram Severo Gomes; Ronaldo Assumpção, associado a Paulo Pimentel e Sergio Toledo Piza; Construtora Cetenco, com Henrique Vita à frente; José Alves, da Alô Brasil; família Carneiro; Queiroz; João Lalão e outros.

A primeira providência que a Fazenda Santa Tereza tomou foi abrir a pista na atual Avenida Brasil, área de campo, e erguer um barracão que ficou conhecido como "o escritório" – ficava próximo ao local conhecido como Solta, onde os tropeiros soltavam os muares para descanso, durante o ciclo da borracha, nas imediações do, atual, cemitério. Logo, Adhemar Guimarães partia de Conceição, com um caminhão e uma turma de braços, e veio furando os obstáculos, fazendo pinguelas, estivas,



e, em alguns meses, atingiu “o escritório” e, posteriormente, a Santa Tereza, que concluíra sua pista de pouso na mata fechada em 1961, constando solitária por alguns anos nos mapas da região.

Para a primeira derrubada, em 1962, veio arroz de Porto Nacional, via aérea, trazido pelo comandante Vicentão. Depois, a companhia adquiriu um Unimog, veículo militar alemão, que conseguia percorrer de Conceição do Araguaia até a sede da fazenda em apenas um dia. Com seu motor à diesel, nos dias de enchente passava pelos córregos elevando o escapamento com um cano. Um progresso! Nesta época, Luís Vargas já colaborava com a Santa Tereza.

Lanari fora apresentado a ele em Goiás, trabalhando como agrimensor em Jussara, através do Moleque Dezoito.

A demarcação da área deu um pouco de trabalho. Sílvio Vilar Guedes, da Prospec, veio à fazenda e determinou um ponto astronômico, identificado na foto aérea, e a partir desse iniciou a picada. O agrimensor era o Elias, mas sua turma começou a temer os índios. Veio, então, José Carrion, destemido, acalmando o pessoal. A picada prosseguiu. Ao aproximarem da região da Maria Bonita, os Kayapós vieram e levaram os trabalhadores



ao Gorotire. Luís Vargas foi até lá e, juntamente, com os caciques e o SPI estabeleceu-se o acordo. De um lado da Serra Ruim, os índios; do outro, a fazenda.

Ernesto, genro de José Carrion, viajou com o sogro em sua segunda viagem. De Jussara, saíram em uma condução e chegaram, pela Belém-Brasília, até Conceição do Araguaia. De Conceição, foram a pé até a Fazenda Santa Tereza, onde encontraram, aproximadamente, setenta homens, na enxada, fazendo a pista de avião. Todos com seu revólver na cintura. Para beber cachaça, era necessário sair pelos campos. Em seu caminho, Ernesto relata que passou pela Boca da Mata, na margem do ribeirão Porteira, e se referiu como a corruptela da Dona Antônia – Antônia Neri. (Antônia, casada com o João Baiano, tinha uma propriedade no local. Ela havia estudado em Uberaba. Para lá, ia de barco até Leopoldina, depois, carro de boi até Araxá e trem até Uberaba. Era a titular do Cartório de Conceição do Araguaia.) Ernesto passou, também, pela pista de pouso na, atual, avenida Brasil e pelo barracão, o Escritório. Ele fixou-se na divisa da Fazenda Santa Tereza em área titulada por Luís Vargas. Dedicou-se, além de fazer roça, ao marisco de



peles até 1973 e, subitamente, em um ano, o comércio de peles se extinguiu em virtude dos protestos pelo mundo; chegando atrizes famosas, a serem agredidas por usarem casaco de gato maracajá (*Leopardus wiedii*) ou onça pintada (*Panthera onca*); sendo uma das primeiras manifestações do movimento ambientalista.

Milton chegou do Tocantins em 1971, veio de Veraneio (SUV produzido pela Chevrolet) de Imperatriz. Fez três temporadas de pele, sua base era a pista de Santa Ernestina. Em uma temporada, colheu sessenta peles de maracajá e quarenta de onça pintada. Os compradores eram de Conceição e Goiânia.

Wilson, o Mil e Cem, assim como Milton, chegou do Tocantins em 1971. Fixou-se próximo a Las Casas, onde havia muita terra desocupada, e qualquer um poderia chegar e se instalar na região dos campos. Após alguns anos, Mil e Cem vendeu a posse e trabalhou roçando juquirá na Fazenda Santa Tereza. Posteriormente, dedicou-se ao garimpo.

O caminho que João Lanari trilhou dentro da área de campos consistia numa vasta rede de caminhos usados pelos moradores. E, após a Boca da Mata, uma trilha



única pela floresta que remonta aos tempos indígenas. Os padres usavam essa rota em suas desobrigas, como mostra a narrativa de José Aldrim enquanto este acompanhava Dom Domingos Carrerot - bispo de Conceição em 1923 - em sua mula durante dez dias, passando até o Novo Horizonte - atual aldeia Gorotire - a beira do rio Fresco; de lá, de barco até São Feliz do Xingu.

Domingos Carrerot, o frei Dominginho, veio da França para Araxá, daí partiu para o Goiás e Porto Nacional no lombo de mula. Alegrou-se ao ser designado para a recém-criada missão em Conceição do Araguaia. Com a morte prematura de Gil de Vilanova, deu prosseguimento aos trabalhos dos dominicanos. Entre outros, a abertura da picada de Porto Nacional à margem do Araguaia pessoalmente com os camaradas, indicando o rumo e cortando de facão por várias semanas. Em Conceição, era o encarregado da fazenda dos padres, próximo ao Arraia, onde cuidava de boas práticas agrícolas, esmerando na melhoria do criatório, principalmente dos muars, pelos quais tinha especial afeição. Que exemplo notável desse homem franzino, mas de grande coragem, percorrendo o sertão em seu apostolado levando aos



confins da região a palavra da Deus aos mais humildes.

Outra variante deste itinerário é a rota que subia pelo ribeirão Arraia, seguia-o beirando, e passava pela atual corrutela dos Pebas – em torno de 15km ao sul de Redenção – onde, ainda hoje, moradores antigos se referem ao antigo caminho dos padres. Próximo ao povoado, existe um cemitério indígena, indicando um aldeamento antigo nas proximidades. Havia outro caminho subindo o Pau D'arco e afluentes, passava por Las Casas, seguia rumo oeste e percorria pela fazenda Ponte de Pau – uma das mais antigas. Da fazenda, uma picada pelo interior da mata até os campos do Triunfo, daí aos rios Branco e Fresco. Lá se localizou a vila caucheira de Nova Olinda durante o segundo ciclo da borracha.

No relatório de pacificação de Miguel Araújo e Leonardo Villas Boas sobre o apaziguamento e, posterior, acompanhamento de um grupo Xikrín – que havia se deslocado aos campos de Pau D'arco e, então, retornaram às margens do Cateté – foi dito: “Em junho de 1953, os Xikríns saíram, de Las Casas, acompanhados de Hilmar e outro branco, Nhozinho. Hilmar informa que saiu com mais ou menos 300 índios”. [...] “Do Kokorokre dirigiram-se ao Itacaiúnas,



seguindo uma trilha, em bom estado, e que parecia um caminho indígena tradicional, ligando, a certa altura, a região do rio Branco aos campos do Triunfo”.

Otacílio de Souza, paraibano, estudou no liceu de ofícios de João Pessoa, era um bom carpinteiro, mas alistou-se como soldado da borracha e veio parar no Xingu explorando látex de seringueira e sendo explorado pelo turco dono do seringal. Em 1956, fugiu e subiu, pelo rio Fresco, até o Gorotire e passou a Conceição, lá se empregando como carpinteiro dos padres. Casou-se e constituiu numerosa família. Todos os anos, nas temporadas de marisco, passava pela mesma estrada. Gostava de caçar lontras e, para isso, os rios Ponte e Fresco eram bons lugares. Somente era preciso passar pela aldeia dos Gorotires, o que faziam de madrugada, quando; após comerem, beberem e dançarem toda a noite; os indígenas roncavam a sono solto. Um belo dia, ao voltar de sua temporada de caça, topou com a Fazenda Santa Tereza. Costumava-se dizer que Otacílio foi o único funcionário – pois trabalhou muito tempo na fazenda – chegando do poente enquanto todo o restante chegou do Leste.



### Capítulo III

Em 1964, a companhia vendeu, aproximadamente, um terço de sua área para os Junqueira, de Orlândia. Luís Vargas vendia as áreas, à leste da fazenda, em volta do Escritório, a medida que as titulava. As beiradas foram sendo ocupadas por goianos, maiormente.

A pista do Escritório atraiu os moradores da região mobilizados pelos serviços de construção da pista e primeiras derrubadas da Santa Tereza, e sendo a estrada precária impediu maiores movimentações. A partir da criação da SUDAM, em 1966, com a aprovação dos primeiros projetos, o movimento se intensificou e, já em 1968, diversos projetos começaram a ser abertos na região.

Afluiu à região numeroso contingente, principalmente de Goiás e Maranhão, para implementarem as primeiras derrubadas. O agenciamento desses trabalhadores era feito, em geral, pelos empreiteiros ou



gatos que traziam eles em caminhão. Os trabalhadores recebiam o abono, ou adiantamento, e, também, o empreiteiro pagava a despesa da pensão. Normalmente, o empreiteiro tocava a cantina, isto é, fornecia a mercadoria ao trabalhador ou a um time que sub-empreitava a derrubada. Conforme a situação, empreitava o roço de foice e, a seguir, a derrubada de machado. Demorou a chegar a motosserra, era dureza!

Não raro, o gato explorava ao máximo seus peões e não gostava de pagar o saldo, chegando, até, a matar o infeliz. Diversos gatos fizeram fama nessa linha: Zezinho da Codespar, Chicó, Chapéu de Couro, Adão Franco e outros. Alguns fazendeiros fugiam do gato e tratavam o serviço diretamente com os times de parceiros que dividiam a despesa e o ganho. Um longo tempo correu antes dos abusos serem refreados principalmente pelo empenho de Ricardo Resende da pastoral e, depois, a chegada do Ministério do Trabalho em Redenção.

Dentre os primeiros projetos de SUDAM implantados consta o da Fazenda Santa Tereza. Em direção ao norte, Fazenda Sangapoitã, de Ronaldo Assumpção; Belcam, de Paulo Borges junto com Henrique Amaral, e



depois Guarantã. Ao Sul, Arraiaporã, de Carlito Meimbergue; Alô Brasil e Santa Ernestina, logo adquirida por José Cristino.

Essa movimentação de grande contingentes humanos reunidos em acampamentos foi terreno fértil para a malária, que se alastrou. João Lanari trouxe seu amigo infectologista Roberto Silveira, que montou um laboratório e fazia triagem dos trabalhadores, nos quais aplicava tratamento e alimentação adequada para então seguir para o serviço.

Posteriormente a malária veio a flagelar a população garimpeira. Foi louvável o trabalho desenvolvido pela SUCAM, acompanhar de perto o povoamento, em tropa de muares, borrifando focos e domicílios deixando a inscrição nos mais longínquos sertões. Verdadeiros heróis, alguns dos quais acabaram Intoxicados por DDT e penaram para receber algum reparo.

As áreas ao redor da pista do Escritório haviam sido tituladas por Luís Vargas e atendendo a sugestão de um morador, colocou alguns lotes à venda, que se esgotaram rapidamente. Então, Vargas associou-se a Carlos Ribeiro, grande embaixador da região no meridional do país, tra-



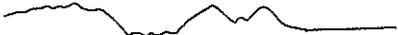
zendo inúmeros pecuaristas e empresários para o sul do Pará.

Vargas traçou um projeto moderno e até hoje, mostra seus benefícios à população. O nome Redenção veio de uma novela muito popular na década de 60. Tratava-se de uma pequena cidade interiorana do país, com as questões comuns a quase todas elas. Vargas circulava num Jeep Willys com o parachoque grafado “Pela Redenção da Amazônia”. O nome pegou.

Posteriormente, foram acrescentadas várias glebas ao núcleo de Redenção que perfaziam 900 alqueires. Logo o departamento de estradas do estado chegou à localidade, facilitando o fluxo das pessoas. Surgiram pioneiros de vários rincões: Hotel da Minervina, Hotel Guimarães, Leão do Norte, Padaria do Chocolate, Sorveteria do Costa, Churrascaria Boi na Brasa.

O centro de reunião dos sulistas se deslocou de Goiânia para Belém. Várias empresas desenvolveram projetos na SUDAM. Foi fundada a Associação dos Empresários da Amazônia que atuou em São Paulo e Belém, principalmente.

Outras frentes de penetração de empresários bus-



cavam caminhos diferentes. A partir de Paraíso do Norte até Caseara, na margem do Araguaia, e pulando para o Pará, a construtora Cetenco, com Henrique Vila a frente, iniciou o projeto da Campo Alegre e que, mais tarde, deu origem a cidade de Santana do Araguaia. Na mesma rota, os Lunardelli, descendentes do rei do café, Jeremias Lunardelli, iniciaram o projeto da Codespar.

Em Barreira do Campo, a família de Severo Gomes dava início ao Projeto Araguaia, inicialmente navegando pelo rio Preto. A família Carneiro vinha de Conceição até o entroncamento de Barreira e do Cacete por uma estradinha até atingir suas terras, dando início a implantação da Fazenda Modelo.

Redenção torna-se um importante entroncamento e as estradas cortam, ao norte, em direção a Marabá e, ao sul, em direção a Santana. Surgem os loteamentos Araguaxim e o Salobro, realizado por Gerudes Gomes e outros.

A indústria madeireira se consolidava e atingia o seu auge durante a década de 70. De início, montou-se uma serraria em Xambioá e se levava madeira de jangada das margens do rio Maria. Mas com o advento da guerrilha na região, a Maginco, da família Remor, resolveu



mudar-se para a atual cidade Rio Maria, quando já se construía a ligação entre Redenção e Marabá, sendo a origem da atual sede deste município.

De Redenção, ao norte, montou-se a Serraria Pau D'arco, pulando o rio de mesmo nome, e que deu origem a atual cidade de Pau D'arco. Ernesto, que se estabelecera no entroncamento para o Cumarú (Tatá), deslocou-se com suas conhecidas cinco juntas de bois para puxar a madeira da ponte. A serraria seria, posteriormente, adquirida por Laudelino Hanemann. Mais a frente, Honorato Babinsky montou a Marajoara. Para o sul, estabeleceram-se a Itamarati e o Capitão Jorge na linha da nova ligação entre Redenção e Santana. Este grupo de empreendedores teve experiência no Paraná, serrando Araucária, e enriqueceram a região sul do Pará com costumes e tradições gaúchas – continua sendo fácil adquirir erva mate em Redenção.

A presença da indústria madeireira trás uma característica na construção das cidades pioneiras. De início, tudo era feito de mogno – a única madeira explorada comercialmente. Os pequenos e médios produtores logo passaram a vender sua madeira, garantindo uma



renda extra para cobrir seus custos de implantação. Os carregadores e estradas madeireiras davam acesso aos fazendeiros como, também, aos migrantes que vinham em busca de terra.

O boom do ciclo do mogno durou até meados da década de 80, quando se esgotou a madeira das áreas ocupadas pela frente de colonização. Sobraram somente as áreas indígenas, onde era proibida a extração, o que não foi problema pois a maleável e corrupta administração do IBAMA propiciou a legalização através de planos de manejo nas vizinhanças da reserva indígena. Bastava pagar um pequeno pedágio aos líderes indígenas. Outra alternativa foi a mudança para São Felix do Xingu.

Vendia-se terra de avião, e os pilotos pioneiros contam as histórias das dezenas de pistas inauguradas. Os trabalhadores iam a pé, faziam uma clareira, onde era lançada o rancho e, assim, abriam a pista. Dorvalino; Nego Elcio; Copila; Darcy e Dimas Ignácio, com certeza, tem muitas histórias.

Copila havia voado com os padres em Conceição. Dimas Ignácio, um dos pioneiros, nascido em Buriti Alegre, andava por Araguaína, onde aprendeu a pilotar,



ao dar manutenção a aviões e, após comprar um Cessna, veio para Redenção. Voava muito desde o tempo da pista da Avenida Brasil e conhecia todas as pistas e os fazendeiros. Foi um dos colaboradores no traçado da rodovia Redenção – Marabá e outras estradas da região. Gostava de chegar a tarde e fazer muitas evoluções com seu avião, com grandes séries de loopings. Numa festa na Santa Tereza, lua cheia, decolou com seu Cessna para Redenção, o que lhe custou uma denúncia do prefeito Vargas, que, também, lá se encontrava.

Cabano, muito comunicativo, popular nos garimpos. A prova que era querido foi quando se acidentou e o avião incendiou – um dos garimpeiros não hesitou em entrar no avião em chamas e resgatá-lo.

A cidade crescia e cada um ia instalando seu gerador e compartilhando energia com a vizinhança. A padaria do ex-garçom de Juscelino, Chocolate, era ponto de reunião, assim como o Hotel Guimarães da Nenzinha, irmã de Adhemar Guimarães. Zezito Pintor pintou a Boi na Brasa, o Leão do Norte e outros inesquecíveis painéis. Antônio Costa veio de São Miguel e montou uma sorveteria, que atraiu todos.



Com o passar do tempo, a pista, da atual avenida Brasil, foi transferida para próximo da atual avenida Araguaia, conhecido como entroncamento. A cabeceira era onde fica, hoje, o Hotel Inácios. De Goiás chegaram Machadinho, Diogo Naves, Jamel Cecílio, Táxi Aéreo, Jairo Andrade, Divino Marques, Dorval Lúcio, Manoel de Sá, Sebastião Naves e Fausto Ribeiro. De São Paulo, Roque Quagliato e Maurício Fraga, ambos se instalaram para frente de Xinguara – o formigueiro.

No início vendia-se boi gordo para Goiânia ou Belém, depois apareceu o Ademar Boa Sorte, comprando em Araguaína. Quando a estrada ligou Marabá, vinha o marchante Miguel Pernambuco com a mala cheia de dinheiro. Ele não gostava de balanças, queria comprar “na tora” ou seja, por estimativa de peso.

Em Redenção, o comprador de vacas era o velho Berto. Vendia carne de dois tipos: com osso ou “maciça”. O movimento crescia e os Queiroz resolveram abrir uma casa de carne. Nesta época chegava em Redenção Arcelides Veronese, o Paraná, que obteve crédito em algumas fazendas e montou seu açougue. Logo os Queiroz fecharam. Com o tempo, Arcelides progrediu e prospe-

rou, vindo a ser o primeiro prefeito da cidade.

Hospital era o Nossa Senhora da Conceição, de Giovanni Queiroz e Gerson Carra. Giovanni logo entrou para a política e foi eleito prefeito de Conceição do Araguaia. Ele é, até hoje, um importante representante da região na política estadual e federal.

Santana do Araguaia foi uma cidade planejada pela empreiteira Cetenco. Lá, a maioria das fazendas eram da SUDAM, não havia a diversificação encontrada em Redenção. As terras são mais fracas e a incidência de mogno é bem menor. Fatores que explicam, em parte, o destaque de Redenção.

Em 1970, os moradores eram, principalmente, os trabalhadores engajados na abertura das fazendas em volta, constando nas estatísticas como 767 habitantes, já a população da área rural era de 1577 pessoas. Frei Henrique Marques da Silva rezou a primeira missa e a missionária Paula Planchon permaneceu no local.

Pela localização e pelas estradas construídas ligando Conceição a Redenção em 1971, e em 1974 com Marabá e, posteriormente, Santana, Redenção teve rápido crescimento e cedo mostrou sua vocação para polo

regional. Sua população urbana logo superou a rural e o crescimento populacional da década de 70 foi largamente superado nos anos do garimpo, a partir de 1980.

Tabela 1: Evolução Populacional de Redenção

	1970	1980	1990
<b>Rural</b>	1.577	5.984	11.034
<b>Urbana</b>	797	12.680	44.944
<b>Total</b>	2.344	18.664	55.968



#### Capítulo IV

A fartura de terras baratas ia se esgotando. Além do mais, o Governo do Estado também dificultava a emissão de títulos de domínio. Começaram as disputas por cunhas ou fazendas de titulação duvidosa; ou áreas abandonadas.

A ocupação da região de Redenção se deu de forma pacífica. Toda a área de interesse dos investidores do Sul; a vasta região de matas do divisor Araguaia – Xingu, cabeceiras do Pau D'arco, Inajá, rio Preto, Campo Alegre; havia sido legalizada no início dos anos 60. Este fato possibilitou a aprovação dos projetos de SUDAM, o que trouxe dinamismo para a região, ao contrário de Marabá, onde a maioria das terras eram cedidas em aforamento, o que não era aceito pela SUDAM.

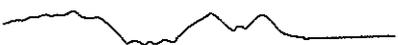
Nas áreas já povoadas pela antiga frente pecuária, que ocupava os campos de Pau D'arco, não houve disputa de terras, pois não despertava o interesse dos chegantes.



Já na região das Itaipavas e São Geraldo, houve uma maior ocupação pela frente maranhense, na forma de posses de agricultores familiares. A guerrilha considerou esse fato ao se fixar na região. Este movimento, aliado a abertura da estrada, canalizou esta movimentação para Xinguara, onde começava a se construir a estrada em direção São Felix e, devido ao grande contingente, trouxe para Xinguara o apelido de formigueiro. O Governo Federal passa a acompanhar de perto a questão fundiária com a criação do GETAT - Grupo Executivo das Terras do Araguaia-Tocantins - e a emissão do decreto que federalizou a maioria das terras, ainda devolutas, na região.

Antecipando a estrada Xinguara - São Felix, o Governo deu, em Tucumã, uma concessão de 400.000ha de terras, a serem colonizadas, para a construtora Andrade Gutierrez, a qual deu origem a atual cidade.

As áreas da Fazenda Santa Tereza eram no sentido NorteSul enquanto as que foram tituladas ao sul não eram coincidentes, o que fazia ocorrerem cunhas não tituladas. Por outro lado, as áreas requeridas, após a primeira leva de legalizações, que tinham sido reduzidas de 900 para 600 alqueires geométricos, se demoravam nas repartições



em Belém, com áreas requeridas, título provisório, e definitivo, aumentando a instabilidade, principalmente, em áreas próximas a Xinguara - onde afluíam grandes contingentes vindo pela estrada, e acelerado com o grito do garimpo.

Próximo a Redenção, a primeira disputa se deu com o Amadorzinho, a 25km de distância da cidade, na estradinha da Alô Brasil, numa suposta cunha. Amadorzinho teve que sair de noite, pressionado pelos ocupantes, e, pela mata, chegou à sede da Santa Tereza. Muito hábil, negociou com o pessoal.

Nas vizinhanças de Rio Maria, a Tupanciretã, do paulista Flávio Pinho, invadida numa ação que ficou conhecida e se tornou emblemática para os partidários da Reforma Agrária. O, então, diretor da GETAT, Iris Pedro de Oliveira, tentou negociar, mas Pinho foi inflexível e acabou sendo desapropriado. A Tupanciretã passou a ser modelo do movimento, inclusive foi base de treinamento para militantes liderarem invasões de terra.

O projeto Guarantã, na margem do Pau D'arco, tendo por diretor o Jerominho, comprou e formou a fazenda Santa Rosa em Xinguara, posteriormente vendi-



da aos irmãos Quagliato. Gostando da região, Jeronimo comprou outras glebas para si, em que se envolveu em disputas com grupos de agricultores e acabou sendo acusado e condenado de mandar matar o líder sindical Canuto. Este fato trouxe muita visibilidade a Rio Maria, que sempre foi a sede da Pastoral da Terra – onde atuou de forma incisiva o padre Ricardo Resende e, adiante, frei Henry.

A GETAT, que antecedeu ao INCRA com Iris de Oliveira, logo arrecadou e distribuiu aos agricultores a gleba Mata Geral com 7200 alqueires de área e rica em mogno. Próximo a Redenção, margeando a estrada para Santana, nas fraldas da Serra de Redenção, o Estado do Pará regularizava a colônia Nova Glória.

Findo o governo militar, um acordo de Tancredo Neves colocou o Ministério da Reforma Agrária ou o INCRA, sob influência da Igreja. Começou a fase de reforma agrária como programa do governo. Muitos proprietários que não estavam muito otimistas preferiram negociar com o INCRA que enfrentar uma invasão.

A Santa Tereza foi alvo de uma tentativa de invasão em 1985. Alguns militantes, apoiados pela Pastoral, após



treinamentos na Tupanciretã, adentraram as matas e foram repelidos. Nazareth, o chefe, foi ferido de raspão e foi à Brasília exibir ao ministro Nelson Ribeiro. Nazareth era conhecido gato de peões, não hesitava tomar o saldo deles, ou pior. O INCRA tentou cancelar o cadastro da Fazenda, mas, na comissão de Terra em Belém, foi declarada área produtiva, não passível de desapropriação.

Com a desmobilização dos garimpeiros, a demanda por terra aumentava. Próximo ao Cumarú, criaram-se os assentamentos de Mata Verde e União. No divisor Araguaia-Xingu, a Serra Azul – grande área montanhosa. Áreas da Fazenda Aldeia, projeto de SUDAM de um grupo alemão; um total fracasso – vários médios proprietários a ocuparam e têm enfrentado uma maratona para a legalização da área.

Na área da falida construtora Encol, os ocupantes–médios proprietários – se entenderam com o Banco do Brasil, que era credor. Codespar e sua grande área foi desapropriada; Agropecus, dos Rodrigues da Cunha, e Rio Preto idem; deram início ao movimento de pequenos agricultores na Casa de Tábua. Inajá Agropecuária, de Roberto Nascimento, que, primeiramente, utilizou a es-



trada do Cacete, aberta pelos Carneiros, e depois fizeram a ligação para Redenção pelos Pebas, a atual estrada do frigorífico, Arraiaporã mais recentemente, e outras áreas, trazendo um novo panorama com centenas de pequenos e médios novos proprietários na região.

Na região de Redenção, a invasão de terras começou com o roubo de madeira, como móvel. Geralmente, o grupo da linha de frente já ia vendendo lotes para os muito interessados – logo virou uma indústria, persistindo após a madeira diminuir, pois as invasões, agora, atraíam interesse para ter acesso a todos os benefícios como colonos. O INCRA nunca conseguiu disciplinar a reforma agrária.

A unidade mais próxima do INCRA é Conceição do Araguaia e, lá, o movimento era intenso. Candidatos a lotes, sindicalistas, associações, fazendeiros, advogados. O chefe da unidade, Gutemberg, homem equilibrado, procurava dar andamento dentro da pequena autonomia que tinha. Numa pausa, ele desabafou “... tomo porrada de todos os lados; fazendeiros, assentados, candidatos, sindicatos, todos me criticam”. Ao que um interlocutor respondeu “pior é o Francisco de Oliveira, chefe da Funai em Redenção, nem consegue tirar os Kayapós da sala dele”.



Os primeiros decretos de desapropriação rezavam que a Reserva Florestal do projeto de assentamento deveria ser num bloco, ficando os lotes dos colonos disponíveis para o desmatamento. Só fizeram isto no Bradesco, próximo a Conceição e, inclusive, receberam recursos para sua preservação. Não sobrou nada pois retirou-se madeira até não mais poder, fogo adentrou, descaracterizando totalmente o bioma. Nos outros, nem pensar em reserva legal. O Ministério Público Federal fez uma tentativa ao intimar o executor do INCRA a apresentar Projeto de Adequação Ambiental, mas sequer obteve resposta.

O INCRA se empenhou em dar acesso, vicinais, construção de residências, e outros equipamentos, mas nem sempre com a eficiência desejável. Quanto ao crédito, foi largamente utilizado e, vencido plano inicial de não investir em pecuária, o INCRA e o Basa se renderam aos fatos e passaram a financiar o setor. É difícil, na maioria dos assentamentos, achar uma rama de mandioca. Farinha vem de Belém ou Maranhão.

Quanto a assistência técnica ao produtor, formou-se uma rede de empresas e cooperativas, atreladas a diversas associações de produtores, ligadas, muitas ve-



zes, aos próprios funcionários do INCRA ou por obra da identidade partidária, no conhecido aparelhamento realizado pelo Lulopetismo, e, apesar do grande volume de recursos gastos, o resultado foi uma pecuária pobre, sem tecnologia ou diversificação, levando a maioria dos clientes originais a venderem seus lotes.

A disponibilidade de lotes da Reforma Agrária a venda atraiu inúmeras pessoas - empreendedores com algum capital; produtores mais experientes; donos de comércios, oficinas, caminhão ou outras atividades; empregados de fazenda - trazendo novas perspectivas para essas áreas. Diversas vezes, o INCRA ameaçou a retomada desses lotes dos chamados não clientes, felizmente as ameaças não se concretizaram.

Em Redenção, as invasões foram menos politizadas que na região de Marabá. No início, madeireiros predominaram e, após, vendedores de lotes, em geral, notórios bandidos, dando menor turbulência que em outras regiões.

Pedro Alcântara, cunhado de Dimas Ignácio, foi o único líder do movimento pela reforma agrária da região que teve maior projeção. Participou de diversas invasões



- entre elas, Santa Cristina, Cristalino e Vitória Régia, de Vitória Guimarães. E sabe-se lá quantas outras. Pedro era articulado ao INCRA, tendo uma empresa que elaborava projetos e ganhava para dar assistência técnica aos produtores - uma boquinha para o companheiro. Ele também era diretor da FETAGRI - Federação dos Trabalhadores na Agricultura, além de assessor parlamentar de Bernadete ten Carten. Quando foi fuzilado, no dia 10 de abril de 2010, em plena tarde no footing na avenida Brasil em Redenção, a notícia saiu até no New York Times. Rapidamente, o assassino foi encontrado: um companheiro de invasão da Cristalino não conformado com algumas ações de Alcântara. Não era o grande capital sufocando o movimento camponês.

Culminando essa movimentação toda, em 1980, estoura o garimpo na região, aumentando o fluxo de pessoas. Aliás, já há algum tempo, havia exploração de cassiterita no Xingu. Os aviões aumentavam. E, quando, além da cassiterita, o ouro apareceu, com força, no Cumaru, Serra Pelada e, depois, Tucumã, Babaçu, Forquilha, Malvinas e Carrapato, o tráfego aéreo aumentou ainda mais.



## Capítulo V

O sonho de João Lanari pelas terras roxas do Cumaru não saía da cabeça. Sobrevoando as matas, via-se a marca do picadão da Belcam, desejo de Juscelino de ligar Belém ao Cachimbo – vinha do Norte, cruzava o Pau D'arco, fazia uma inflexão próxima a sede da Santa Tereza e rumava a oeste, em direção ao Cumaru – mais ou menos na mesma estrada atual – e, então, ao Gorotire.

Capitão Custódio, chefe dos serviços em 1964, abriu uma pista de pouso no Cumaru e deu início a uma prospecção de ouro, pelo geólogo Elmer Salomão – que veio a ser, mais tarde, diretor da DNPM.

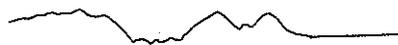
Eram financiados por um investidor do Rio de Janeiro. João Lanari e Luís Vargas recorreram a força policial e, de avião, pousaram na pista e embargaram a pesquisa após exibirem a documentação da terra – quando Lanari esteve em 1959, a trilha percorrida era conhecida como “caminho do ouro”.



A partir de 1973, após um reconhecimento, a Santa Tereza iniciou a picada tropeira até atingir o Cumaru, realizada pelo Raimundo Braga, mineiro de Abaeté. Chegando, renovou-se a pista de Custódio e iniciou-se uma pequena derrubada. Plantou-se café para fazer um teste e a trilha se transformou numa estrada. Logo um grupo de garimpeiros entrou clandestinamente e os homens se animaram. A Santa Tereza ainda tentou impedir, mas logo fez-se um acordo com a PM e a Santa Tereza passou a comprar ouro, e vender mercadorias.

A tensão com o garimpo em Cumaru era grande. As terras ao norte – loteamento Araguaxim – foram ocupadas por vários produtores avançando rumo oeste, entre eles o Juarez abria sua fazenda, além de José de Castro, família de Tônico Toqueira outros. Havia notícias de assaltantes emboscando garimpeiros que andavam por todas as grotas. Os kayapós do Gorotire estavam nervosos e andavam pelas fazendas; num dia foram cobrar uma vaca que havia sido prometida e o encontro foi fatal – vinte mortos entre os colonos. O episódio ficou conhecido como o massacre da Espadilha, em 1980.

Na pista de Redenção, já no entroncamento, o



movimento crescia. Fazendeiros; garimpo de cassiterita no Xingu; Carlos Ribeiro e outros corretores que traziam compradores. Ribeiro havia vendido imensa área à Volkswagen e circulava na região de Jatinho, sensação sempre que pousava em Redenção. Um dia, com Oscar Thompson, ex-ministro da agricultura e que endossara a aquisição da Volks, Carlos Ribeiro dispensou o comandante e decolou pilotando de Belém, o que foi fatal para os dois. Na pista do entroncamento, também no dia do assassinato do ex-Beatle, John Lennon (8 de dezembro de 1980) um pistoleiro se aproximou e matou o Juarez, provavelmente por disputas no Araguaxim.

Anteriormente, as áreas mineralizadas em Cumaru haviam sido requeridas para mineração e a Paranapanema entrou na área, reformou a pista de avião e a estrada a Redenção. O Governo Militar interviu. Implantou-se o mesmo modelo de Serra Pelada, localizada perto de onde se desenvolvia o projeto Carajás, numa corrida impressionante dos garimpeiros, com produções expressivas, induziu o Governo Militar a ocupar o garimpo e introduzir controles de entrada e saída, compra de ouro pela Caixa Econômica, Cobal, DNPM, helicópteros



da Aeronáutica, etc. No Cumaru, havia Polícia Federal controlando o acesso nos aeroportos de Redenção e do Cumaru, além da entrada do garimpo. A disciplina militar foi fundamental para um ambiente mais organizado, embora, danos ambientais sejam inevitáveis em qualquer garimpo. Diversos outros garimpos surgiram: Forquilha, Tucumã, Carrapato, Babaçu e outros. Cumaru produziu nas décadas de 80 e 90, tendo sua produção decaída em meados da década de 90.

Quando o General Figueiredo foi ovacionado pelos garimpeiros em Serra Pelada, o governo decidiu pelo garimpismo. Acreditava-se que o garimpo poderia ser organizado – o DNPM controlava as lavras e tentava minimizar os efeitos dos efluentes e, principalmente, do mercúrio. Havia geólogos simpáticos a atividade e as áreas onde as empresas desenvolviam pesquisas eram invadidas pelos garimpeiros. Para completar, na constituinte, proibiu-se a mineração por firmas estrangeiras numa bem-sucedida aliança entre a Vale; a Paranaapanema, de Otávio Lacombe; outras empresas e a própria bancada dos garimpeiros. Somente após Fernando Henrique, com a alteração permitindo a mineração por em-



presas de outros países, e o garimpo ter arrefecido, voltaram as pesquisas e houve expressivo desenvolvimento da indústria mineral – o que não afetou, particularmente, a região de Redenção.

Em 1985, o exército brasileiro demarcou a Reserva Kayapó, pacificando as relações com os indígenas. A garimpagem na área da Maria Bonita, dentro da Reserva, foi autorizada após os garimpeiros se dirigirem até Guaraí e interditar a Belém-Brasília.

Na área de Tucumã, a Andrade Gutierrez tinha uma guarita a alguns quilômetros antes da cidade, onde era feita uma triagem dos colonos. Os que lá ficavam, passaram a garimpar no Rio Branco e imediações e, logo, a guarita virou Ourilândia.

A Santa Tereza decidiu realizar um loteamento urbano, dando início a atual sede do município de Cumaru do Norte. A área do garimpo foi desapropriada pela INCRA e distribuída aos garimpeiros.

Em 1975, Redenção foi elevada a vila e, em seguida, distrito. Em 1976, Giovanni Queiroz, apoiado por Luís Vargas, candidatou-se a prefeito de Conceição e, com uma retórica agressiva – desancando os governos



e as elites tradicionais, representando o novo, o desenvolvimento – arrebatou a prefeitura.

Em 1980, Redenção se tornou cidade e, na primeira eleição, Arcelides Veronese, o Paraná, saiu vencedor. Seu mandato foi prorrogado e ficou até 1986. Saindo praticamente do zero, mostrou dinamismo ao instalar a prefeitura. Abriu nova entrada na cidade com o prolongamento da avenida Brasil, no bairro Alto Paraná; construiu a nova rodoviária – ordenando melhor o caótico movimento dos garimpeiros. Novato na política, iniciou uma luta contra a coletora de impostos estaduais de Redenção – a roubalheira estava escancarada. Não conseguiu, o que pode ter contribuído para abandonar a vida pública ao terminar sua missão.

Em 1986, Luís Vargas saiu vitorioso. Dedicou-se ao bairro do Serrinha, auxiliado pelo seu secretário, José Pinto, um dos pioneiros. Muito cioso da arborização urbana, hoje agradecemos sua dedicação. Vitório Guimarães era seu vice.

Wagner Fontes venceu em 1990. De família de plantadores de abacaxi, deu muita ênfase a agricultura. Trouxe do Goiás o Mário Moreira como seu secretário



de Agricultura e montou sua agro-dinâmica, cuja concepção era de trazer várias culturas e fazer plantios demonstrativos e depois distribuir mudas e orientação a este grande contingente de agricultores familiares que a reforma agrária assentou na região. Infelizmente, com poucos resultados, serviu apenas para mostrar o potencial agrícola que ainda está por ser melhor desenvolvido. Mário Moreira foi prefeito por duas legislaturas após Wagner Fontes.

João Lanari do Val visitou a agro-dinâmica e conheceu Mario Moreira. Ficou muito bem impressionado com toda aquela animação dos agricultores, ele que era apaixonado por fruticultura e sempre andava atrás de culturas comerciais para o sul do Pará – que tivessem um ótimo desempenho agrônômico. Depois de muitas observações e diversas experiências com diferentes frutas – como o plantio de café no Cumaru, maracujá, banana, mamão, abacaxi, cacau – foi fácil optar pelo abacaxi e cacau, que, na atualidade, são duas importantes culturas consolidadas na região.

A energia elétrica chegou em Redenção no final da década de 80. O crescimento acelerado deu origem a

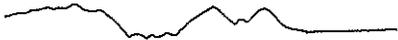


diversificação: primeiro em função do garimpo, com lojas de motores, bombas, mangueiras, moinhos e demais equipamentos utilizados. Depois, o próprio movimento deu sustentação a outra etapa, com hotéis, oficinas, bancos, escolas, etc.

Enquanto o Brasil passava aperto com a crise da dívida na chamada década perdida, Marabá, com Carajás e Serra Pelada, teve crescimento vertiginoso. O dinheiro era farto: a Revemar, do empresário José Diamantino, ganhou prêmios seguidos de maior revendedor Volkswagen no Brasil. Redenção não ficava atrás. Aviões, reluzentes camionetes, construções luxuosas, piscinas, churrasqueiras de mármore e tudo o mais.

Um grupo de novos ricos circulava altivo. Os chefes Kayapós compravam casas em Redenção e estavam por toda a parte. Numa feira, um homem foi agredido selvagememente por alguns guerreiros e um delegado da Polícia Federal; ao tentar conter os indígenas do grupo de Kobei, filho do Tutui, um dos caciques do Gorotire; também entrou no cacete.

Paiakã era da aldeia Aukre, localizada em um afluente da margem esquerda do Fresco, em uma região dis-



tante do garimpo e da exploração do mogno, rica em castanheiras. Paiakã, assessorado por ONGs, já havia percorrido o mundo com o cantor Sting e acabou recebendo uma máquina de extrair óleo da castanha e entregar à inglesa The Body Shop. Um ótimo negócio, adequado para seu povo pela sustentabilidade, um exemplo. Num domingo; enquanto Paiakã recebia convidados em sua casa, incluindo a professora de seus filhos, Sílvia Letícia; sua esposa teve um ataque de ciúmes e partiu a dentadas para cima da professora. Paiakã foi acusado de assédio e agressão sexual, e sendo condenado, cumpriu pena na aldeia.

Muitos empreendedores surgiram na esteira do ciclo do ouro e final da madeira. Osmar Ferreira investiu em madeireira e teve uma trajetória curta. Irom Fernandes tinha a concessão do transporte para o Cumaru, depois montou postos de petróleo – acabou morrendo numa queda de avião. Carlo Iavé e irmãos comercializavam equipamentos de garimpo e conseguiram uma concessão de revenda de motocicletas Honda, uma mina de lucros. A motocicleta se popularizava na região. Nas cidades, campos, fazendas, assentamentos e garimpos; motos com carretinhas, todas espécies de cargas, famílias inteiras.



O moto-taxi foi uma revolução no transporte urbano e, também, rural, face a total ausência de transporte coletivo. Transformou-se em profissão que passou a ocupar muita gente. Quando um moto-taxista, o Lindomar, filho de Ernesto, foi atraído para uma armadilha em que se viu cercado e, ao tentar escapar, foi esfaqueado, os colegas de profissão e outros voluntários emendaram uma perseguição junto com a polícia até capturarem os meliantes.

Dos empresários, o mais conhecido é Moises Carvalho, filho do Neco Baiano – responsável por introduzir no garimpo o moinho que ficou conhecido como NB. Moises montou uma rede de empresas incluindo diversos setores. Além de, juntamente com Mazinho e Maranhense, outros dois emergentes desta época, constituírem a madeireira 3M, atuante na fase final do mogno. Moises continuou com a madeireira após o ciclo do mogno e, mais recentemente, tornou-se o maior vendedor de lotes da região ao fundar o Buriti Imóveis, iniciado com o belo e moderno bairro do Buriti, que se agregou a Redenção.

Claudiomar Vicente Kehrvald, o Mazinho, é filho de madeireiro gaúcho, o conhecido Mandiocão, que atuou no setor de laminação de madeira. Após a 3M, Mazinho

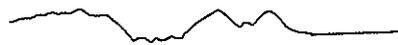


enveredou para a pecuária, montou a revendedora Chevrolet e fez loteamentos.

Maranhense, Antônio Lucena Barros, começou negociando veículos. Muito ativo, passou aos imóveis urbanos e se tornou um dos maiores negociantes de terra da região. Associando-se a Luis Pires, abriu diversas fazendas, algumas das quais integram o Grupo Santa Bárbara, pertencente ao Fundo Opportunity, de Daniel Dantas.

A indústria madeireira tentava se diversificar e vários tornos de laminação foram montados. De início, mandava-se as lâminas a Curitiba ou outros locais. Montou-se fábricas de compensado, entre elas, a Pau D'arco e a Imasa – adquiridas pelos irmãos Vitório, Wagner e Ildonete Guimarães. Durante muito tempo funcionou a Triângulo – que enviava lâminas para o exterior – onde, hoje, está o local de Shows do Isidório. As principais espécies utilizadas eram o mangue e axixá, esticando a renda dos proprietários.

A madeira sobreviveu no Xingu, onde novas frentes se abriam e, em Cumaru do Norte, com a madeira de áreas do Gorotire; principalmente cumaru, jatobá, amarelão,



cedrorana, além de madeira para cerca e curral, chegando também, a comercializar muitas castanheiras.

Anos de teatro de gato e rato entre madeireiros – apoiados por políticos – e Ibama, e com a conivência dos indígenas, até, finalmente, extraírem toda a madeira comercialmente viável.



## Capítulo VI

A década de 1980 marca, também, o aumento do dinamismo da região de Marabá – com o empreendimento da Vale do Rio Doce, hoje Vale – e o aparecimento da brachiaria. O colômbio não tinha longevidade nas terras meio ácidas, argilosas, ou com cascalho e, passada a fertilidade inicial das cinzas, o colômbio amarelava. Houve grande animação com a chegada do novo capim, que logo se espalhou. Os produtores promoviam novas derrubadas. Em agosto a fumaça tornava-se intensa, ficando perigoso voar. As queimadas saíam do controle, mas logo vinha a chuva e o capim era lançado de avião. As fazendas se modernizavam.

João Batista Santana, o João Lalão, veio no início dos anos 70 de São Miguel do Araguaia. No meio de tantos projetos de SUDAM, um pecuarista de mão cheia; nunca perdeu uma derrubada, acertava sempre a hora de plantar, conhecia o gado e era rápido no comércio.



Prosperou e, hoje, seu filho mantém uma das melhores propriedades da região.

Os produtores rurais se mobilizaram contra as invasões. O Sindicato Rural de Redenção foi fundado graças a dedicação de Giovanni Queiroz, Henrique Amaral, Laudelino Hanemann e outros. Posteriormente, com a chegada de jovens lideranças juntamente com filhos dos primeiros pioneiros, agora na linha de frente, deu-se uma renovação no Sindicato, que teve uma série de ativos presidentes. Entre eles, José Alberto, Paulo Carneiro, Tarley Helvécio, Eduardo Queiroz. Em Goiânia, Ronaldo Caiado mobilizava a classe proprietária com o mote: “Catitu fora do bando vira comida de onça”.

O primeiro leilão em Goiânia foi um estouro, sendo fundada a UDR – União Democrática Ruralista. Marcou-se a reunião em Redenção – a segunda do Brasil – o embaixador era Jairo Andrade.

Outro sucesso estrondoso com reunião histórica no clube recreativo. Os fundos da UDR não ficaram em Redenção e foram direcionados para a Constituinte. Nós ficamos com as invasões. Paulo Carneiro agiu rápido, mobilizou a classe novamente e realizou outro leilão, des-



ta vez no sindicato, arrecadando-se uma soma significativa. Carneiro era o presidente da nova UDR, que passou a cogitar montar uma patrulha rural.

Desavenças na diretoria levou a uma reunião, formando-se um conselho que administrou o fundo e traçou nova estratégia resumida em contratar um escritório de advocacia e dar apoio às polícias em ações contra a violência rural, principalmente prendendo e encaminhando à justiça alguns condenados que agiam na região. Com isso, evitou-se desordem como aconteceu em Parauapebas onde os produtores; numa churrascada, em solidariedade ao Carlinhos, que havia sido invadido; as tantas pegaram suas camionetes, se dirigiram à invasão e cercaram os líderes Fusquinha e companheiro, quando um maluco puxou o 38 e fuzilou os dois. Processo na turma até hoje.

Desta forma, com uma ação equilibrada, pode ser obtido um ambiente de tranquilidade na zona rural. Mais recentemente, houve o acirramento das invasões na Forquilha, vizinha da casa de Tábua, onde já existiam muitos assentamentos. Mesmo no governo do PT, a governadora Ana Júlia autorizou a Polícia Militar agir



de forma equilibrada, porém rigorosa – a operação ficou conhecida como “Paz no Campo”, com forte participação do Sindicato Rural, na época comandado por Rosângela Hanemann.

Na época dos acampamentos de sem terras, em 2003, a Fazenda Santa Tereza sofreu nova tentativa de invasão. Na beira da PA-287, que liga Redenção ao Cumaru, a margem esquerda era pasto e na passagem de um dos formadores do rio Pau D’arquinho, havia uma clareira que servia de base para a turma de manutenção da estrada.

Na margem direita, a reserva da fazenda. Raimundo Marques, do INCRA de Conceição, compareceu ao acampamento que lá se formou e, em cima de um caminhão em pleno sol quente, falou para mais de quinhentos ouvintes: “A área da mata é intocável e o pasto é área produtiva”.

A maioria acatou, apenas alguns protestaram. Passaram a receber cestas básicas enquanto a justiça concedeu reintegração de posse, executada com tranquilidade. Passaram quase um ano acampados, a espera de lotes. Frei Henry foi questionado sobre a necessidade de



eles permanecerem naquela promiscuidade – crianças fora da escola e etc. Henry respondeu que ajudaria e desenvolveu laços de solidariedade entre os futuros colonos.

Ligado a Volks, um grupo montou o frigorífico Atlas em Santana do Araguaia. Em Redenção, chega Wellington Zucato, o Periquitão, e, após uma reunião na casa do Tarley, com apoio dos produtores, Zucato montou o Frigorífico Redenção, na mais moderna técnica da Indústria e constituindo-se num marco para a pecuária na região.

Para a modernização da pecuária, faltava um passo decisivo – a erradicação da febre aftosa no Pará. Esta foi uma grande batalha da classe produtora, em que o Sindicato Rural de Redenção teve um papel decisivo em cobrar insistentemente o empenho das autoridades estaduais responsáveis.

O então presidente do Sindicato; Bernardo Andrade, de Montes Claros, formado em zootecnia; de tão insistente, era chamado pelo secretário de Agricultura, Vandenkolk, de “papel de embrulhar prego”. Mas o governo respondeu e nosso estado atingiu o status de Zona Livre de Aftosa, com vacinação.



A realização de feira agropecuária iniciou-se com a nova fase do Sindicato Rural. A festa dominou a cidade, marcando um período de grande envolvimento da população – participando da cavalgada, shows, rodeios e outras atividades – além do grande retorno comercial com os expositores e conagração dos produtores e demais membros da sociedade.

A lei obrigava toda propriedade na Amazônia legal manter 50% de mata como Reserva Legal. No início, muitos respeitavam, mas, com o tempo, vários fazendeiros iam vendendo a madeira e aproveitando para derrubar as partes aproveitáveis. Muitos foram aconselhados a vender toda a madeira e derrubar a fim de evitar invasões. Poucos acreditavam na implementação da Lei da Reserva Legal.

A imensidão do brachiarão sem fronteiras, numa perigosa monocultura, já dava sinais de desequilíbrio. A cigarrinha começava a fazer estrago e os incêndios saiam totalmente fora do controle, trazendo um cenário desolador. Há muitos anos, vemos a serra de Redenção queimar por semanas sem qualquer reação de ninguém. Raros são os produtores que mantiveram a Reserva Legal. O desma-



tamento foi radical e, possivelmente, contribuiu para um ambiente com baixa umidade durante o período de estio.

Da região de Marabá, as notícias eram assustadoras. Grande parte dos antigos aforamentos foram desapropriados para a Reforma Agrária. No episódio mais conhecido, após idas e vindas da desapropriação da Fazenda Macacheira da família Pinheiro, tradicional de Marabá, os manifestantes se dirigiram à rodovia BR-155 e a interromperam, resultando no episódio conhecido como Massacre de Carajás no dia 17 de abril de 1996.

O INCRA fervilhava, proprietários se apressavam para acertar com o instituto. Os movimentos sociais listavam os imóveis de interesse dos camponeses.

Alguns despachantes ajudavam os processos a andarem. O mais conhecido, Henrique Meimberg, dominava a matéria ao ponto de ser consultado pelos próprios funcionários do INCRA. Formado na Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, Meimberg era administrador mas passava por advogado. Tinha interesse em mais de trinta processos de desapropriação.

O grande entorno de Marabá virou um grande assentamento e, ao mesmo tempo, montou-se dezenas de

alto fornos destinados a produção de ferro gusa. Aproximadamente quinhentos caminhões por dia abasteciam de carvão a indústria siderúrgica. Devidamente guiados com lastro fornecido por licença de desmatamento aos assentados, o Ibama trabalhava duro para dar tanta autorização.

Quando as autoridades abriram os olhos e tentaram coibir a prática, um contingente de assentados fechou a estrada e fez ameaças. A Vale foi censurada internacionalmente e restringiu o fornecimento de minério. Em poucos anos, destruiu-se o maior castanhal do Brasil, inestimável patrimônio botânico com milhares de árvores centenárias. Os fornos estão parados e Marabá tornou-se uma das cidades mais violentas do Brasil.

No dia que Tião Viana, então, governador do Acre reconheceu os pequenos produtores como sendo os maiores destruidores da Amazônia, o Ministro do Colete, Carlos Minc, sucessor de Marina Silva, concordou, mas o Ministro da Reforma Agrária teve um faniquito.

Porém, também, era época das grandes derrubadas no Xingu, Cumarú do Norte, Santana. Parelhas de tratores de esteira com mais de 20 toneladas arrastando

correntões usados em navios, ou com lâminas, em pouco tempo abriam clareiras com milhares de hectares. Deixava-se as árvores maiores para dificultar o rastreamento e que, mais tarde, queimariam – chamavam cingicamente de “derrubada ecológica”. Mas, finalmente, as sanções da lei conseguiram estancar esse processo. Também sobrou

**Percentual de Remanescente de Floresta Primária SEMA-PA**

Água Azul do Norte	33,26%	Redenção	14,95%
Bannach	26,32%	Rio Maria	15,46%
Conceição do Araguaia	20,50%	Santa Maria das Barreiras	25,15%
Cumarú do Norte	54,50%	Santana do Araguaia	33,79%
Floresta do Araguaia	14,89%	Sapucaia	11,00%
Ourlândia	88,32%	Tucumã	9,14%
Pau D'arco	26,13%	Xinguara	10,64%

pouca mata de domínio privado. Ficaram as Reservas Indígenas e as florestais como a Terra do Meio.

Deu-se início ao processo de legalização ambien-



tal; primeiramente com a finalização do Zoneamento Econômico Ecológico por parte do Estado, o que fez voltar a exigência da Reserva Legal para os originais 50% e não os 80% da Medida Provisória de Fernando Henrique. O Pará foi pioneiro na implantação do CAR – Cadastro Ambiental Rural, e a Legislação Estadual e, também, o Código Florestal, aprovado pelo congresso, trazem segurança jurídica embora ainda falte uma definição de como os produtores poderão compensar seus passivos ambientais.

No meio a essas questões, alguns empresários vislumbraram que o reflorestamento poderia ser uma boa solução, pois, além de rentável, pleiteava-se que parte da Reserva Legal poderia ser preenchida, em parte, com florestas plantadas de espécies exóticas. Giovanni Queiroz saiu na frente e dizia que, em 20 anos, um hectare plantado de teca valeria um milhão de dólares.

Silvio Coutinho, paulista, tinha propriedade na região. No Mato Grosso, numa sociedade com investidores europeus, plantou uma grande área de Teca. No Pará, montou a Floresteca, tendo o como sócio majoritário o fundo Harvard, e adquiriu diversas áreas de



terra, plantando 20.000ha de floresta. Trouxe da Malásia o material genético selecionado e, através da cultura de tecido, produziu mudas clonadas, obtendo excelente resultado. Dizia que, no Pará, a Teca desenvolvia 20% mais que no Mato Grosso, além da logística ser bem melhor. Os planos originais eram ótimos, mas o parecer de um procurador federal questionou a compra de terra por empresa estrangeira, o que fez o sócio americano se retrair. O mercado de Teca se inverteu e a queda dos preços moderou o otimismo inicial.

Alguns grandes produtores têm procurado adquirir áreas na Terra do Meio ou outras reservas que o Estado do Pará venha a disponibilizar para compensar seus passivos ambientais, mas todos esses meios são ainda nebulosos. Recentemente, o governador Jatene vetou que essas compensações fossem feitas no estado do Amazonas. Seria interessante a união dos municípios em prol de um projeto regional para recuperação de corredores, unindo os fragmentos de mata capazes de terem efeito na biodiversidade e clima local, que é o espírito da lei da Reserva Legal. Nada adiantaria para Redenção ou Santa Maria um proprietário compensar seus passivos na Terra



do Meio. Seria importante o financiamento ou mesmo subsidio para essas recuperações.

Pressionado pela opinião pública que clamava contra o desmatamento, o Ministério Público Federal, em parceria com ONGs ambientalistas, conseguiu fazer grandes compradores como o Carrefour (e outros) parassem de comprar carne da região sul do Pará. Dessa vez, a turma de Xinguara saiu na frente. O presidente do Sindicato Rural, Oswaldino Assunção, liderou uma comitiva que mostrou ao prefeito David Passos, co-partidário da governadora Ana Júlia, a necessidade de agir e forçar o Governo do Pará efetivar as contrapartidas necessárias a retomada das vendas. O Ministério Público Federal fez os frigoríficos assinarem um TAC – Termo de Ajustamento de Conduta, se comprometendo a comprar boiadas somente de produtores excluídos de uma lista de propriedades embargadas e, também, fazer o monitoramento dos fornecedores.

Zucato “rachou de ganhar dinheiro” com o Frigorífico Redenção. Comprou o de Santana, o de Marabá e montou outra planta em Ourilândia. Vendeu tudo para o Bertim, que, por sua vez, vendeu para o grupo JBS. Hoje, Zucato tem



fazendas e centenas de milhares de cabeças de gado no Pará e no Mato Grosso.

A pecuária está incorporando muita tecnologia nas áreas de pastagem, nutrição, genética e gestão, o que, aliado ao clima chuvoso e grande exposição solar, tornam ela uma atividade cada vez mais promissora.

Nos últimos anos, a fronteira da lavoura de grãos atingiu o sul do Pará. A logística é excelente – de Colinas, no Tocantins, o trem liga com o porto de Itaqui, no Maranhão.

Os garimpos, que passaram muito tempo em pouca atividade, ressurgiram fortemente nos últimos anos. A grande elevação do preço do ouro no mercado foi o primeiro fator. O outro foi a incorporação de potentes escavadeiras de esteira, que retiram a camada de material estéril em poucas horas, deixando para as bombas apenas o cascalho mineralizado. Grande parte dessas lavras se encontram dentro das áreas indígenas mas por enquanto, o que se vê é o mesmo teatro de gato e rato entre as autoridades e os garimpeiros, autorizados pelos indígenas que cobram pedágio.

O eixo Xinguara – Rio Maria, pelas excelências das



terrace acesso a imensa região pecuária de Tucumã e São Felix, firma-se como um importante centro de indústrias frigoríficas, curtume, graxaria e indústria de biodiesel, e confinamentos. Estão completamente focados na indústria pecuária, justificando a denominação de Xinguara como a “capital do boi gordo”.

Redenção, embora forte em pecuária, tem seu foco em múltiplas atividades como centro regional, onde vai se desenvolvendo cada vez mais sua importante rede comercial e de serviços, que incluem os importantes setores de educação e saúde. Isto trouxe o crescimento da classe média formada de empreendedores, proprietários rurais residentes na área urbana, médicos, advogados, comerciantes, funcionários estaduais e federais, etc. A demanda por residências mais elaboradas teve forte crescimento, e após o fraco retorno de espigões de quinze andares, que ficaram somente em duas unidades, a Buriti Imóveis lançou um condomínio fechado no meio do seu grande loteamento. Este empreendimento foi acompanhado pela Terra Santa, de Tarley Helvécio, com três condomínios fechados: Cedro, Castanheiras e Terra Brasil.

Este foi um dos maiores sinais do crescimento da vi-



olência na cidade. Numa população de migrantes e o efeito degradador do garimpo sobre as famílias em um ambiente de forte aspiração aos bens materiais, disseminou-se o consumo de drogas, principalmente o crack, vendido em inúmeras “bocas”, que, também, alugam armas para assalto e fazem receptação. Ao mesmo tempo, as periferias largadas ao mato e lixo, cursos d’água poluídos, fossas destapadas – imenso criatório de *Aedes aegypti*, e outros vetores. Com o lençol freático comprometido, sem esgotos, o problema da água se torna mais premente.

A prefeitura de Redenção passou 20 anos dominada pela dupla Wagner Fontes e Mario Moreira, com um interregno de quatro anos do Jorge Paulo, o JPC. Os três estão enroscados na justiça. A dupla Mario/Wagner se transformou em eficientes políticos profissionais com toda a conotação negativa que o termo adquiriu ultimamente. Armaram uma teia de profissionais competentes na administração municipal, cujo exemplo é Francisco Victor, que saiu da equipe e ocupa, com habilidade, o cargo executivo da ABIEC-Pará – Associação Brasileira da Indústria Exportadora de Carne, com uma atuação bem mais eficiente que os produtores.



Manipularam, com perícia, os conselhos municipais de Saúde e Educação devido aos gordos repasses de renda escolar, transporte público, compra de remédios, internações. Assim como mantiveram uma Câmara Municipal dócil com raras exceções de vereadores que cumpriram o dever de fiscalizar o executivo. A sociedade civil assistiu passivamente, sem conseguir se organizar para coibir diversas práticas nocivas.

A Secretaria de Obras, grande parte desse período comandada por Elvio Massutti, fez o que pôde. Realizou a manutenção das estradas estaduais e vias urbanas e realizou grandes campanhas de vacinação, por exemplo. Setores do Meio Ambiente e Agricultura, no entanto, foram medíocres. Somente com a saída de Coimbra, Iavé deu uma atenção especial e nomeou um técnico habilitado. Até agora deu andamento à cobertura do CAR no município e ascendeu ao status de Municípios Verdes, um programa estadual que incentiva a melhoria da gestão ambiental. Seria interessante um investimento a dar sequência a esse cadastro e fazer um levantamento socioeconômico e outro da utilização da terra, o que daria suporte a política de desenvolvimento rural. O ideal seria uma ação regional que envolvesse a extensão rural do estado, a EMATER.

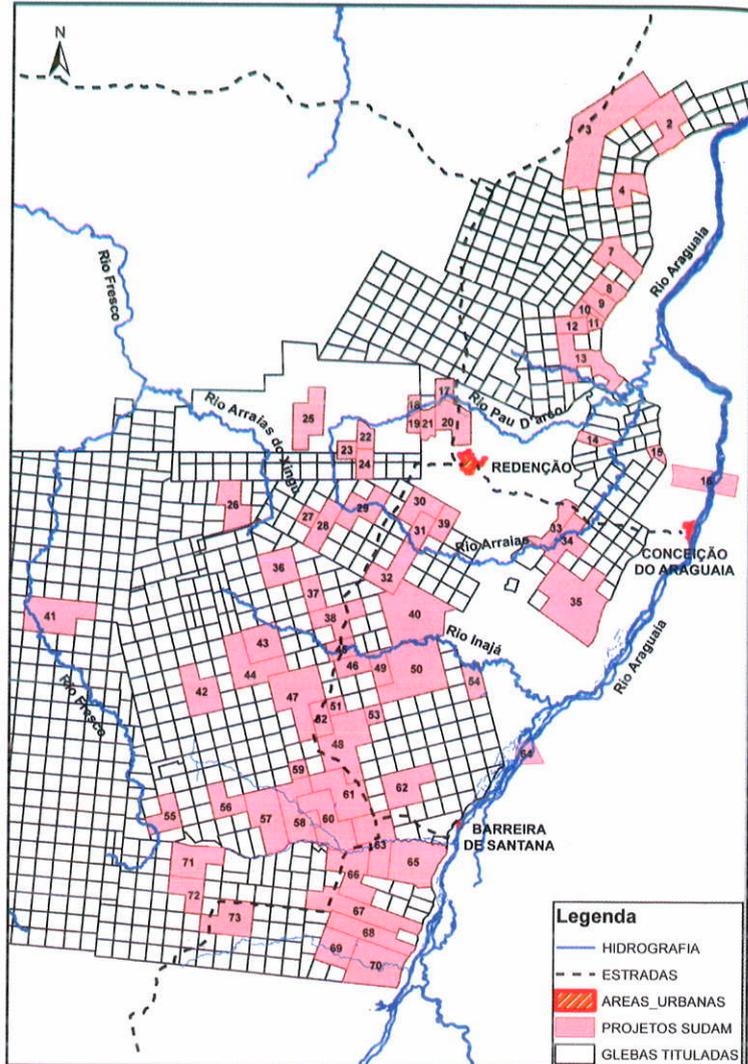
Jorge Paulo responde por um suposto desfalque no fundo



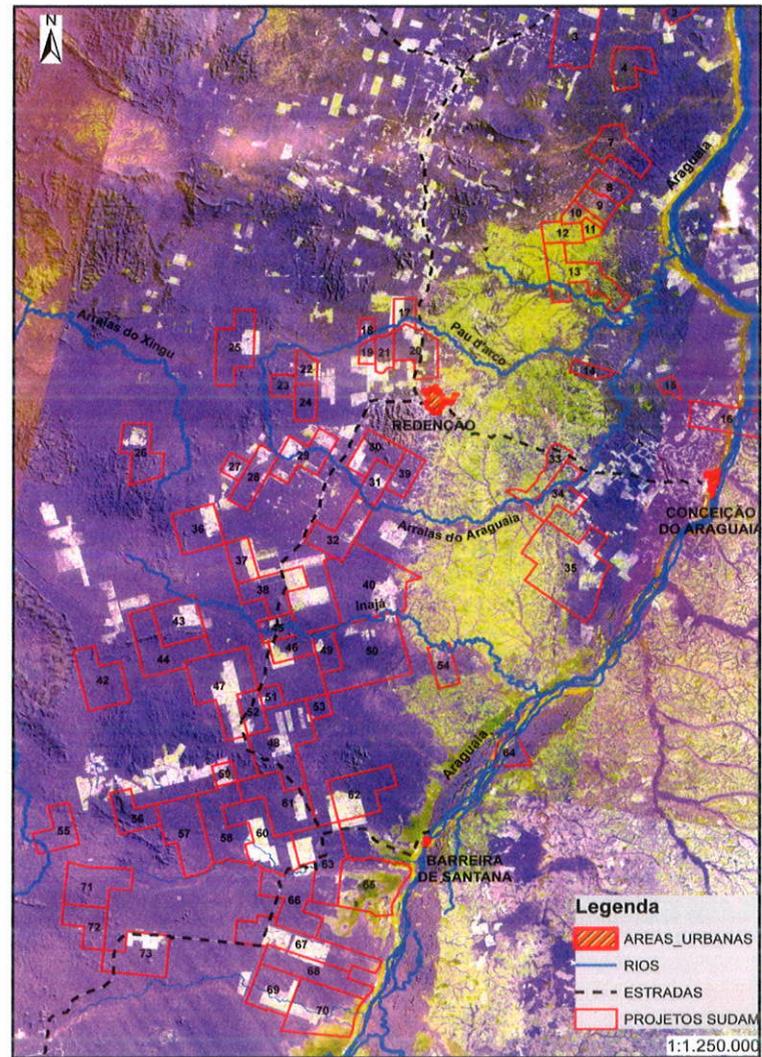
de Previdência dos funcionários municipais. Isto não tira o mérito de diversas ações, principalmente na vinda de órgãos públicos, obras estaduais em que os políticos se empenharam, cumprindo seus papéis.

Wanderley Coimbra, ingênuo e despreparado, cercou-se de notórios assessores e já ia por uma senda duvidosa quando sua própria irresponsabilidade pôs fim a vida. Carlos Iavé venceu a última eleição contra Mario Moreira, rejeitado pela população na corrente aversão que os brasileiros estão por políticos profissionais.

Projeto SUDAM e glebas tituladas em 1970



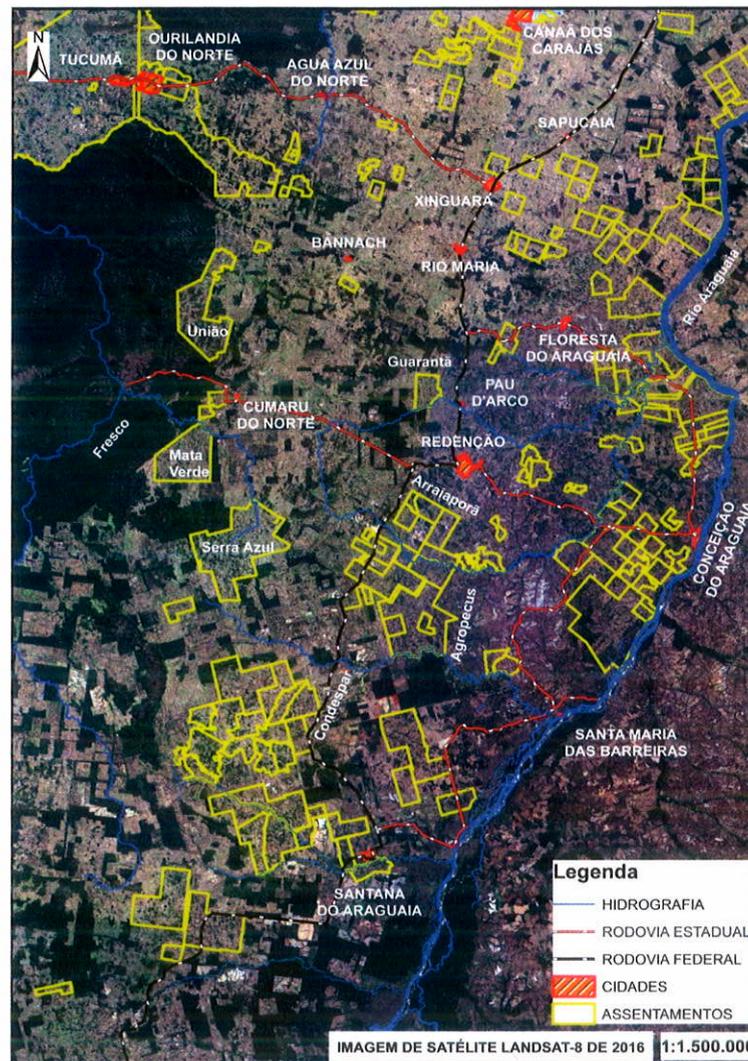
Áreas desflorestadas até 1979  
Projeto SUDAM



## Vegetação original



## Projetos de Assentamentos

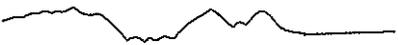




### **Empresas tituladas pela SUDAM**

1. Vitória Régia Pecuária S.A.
2. Agropecuária São José S.A.
3. Rio Vermelho De Pecuária S.A.
4. Agropecuária Vale Azul S.A.
5. Agropecuária Do Lontra S.A.
6. Agropecuária De Araguaina S.A.
7. Agropecuária Araguaia Rio Maria S.A.
8. Cia. Melhoramentos De Itaipavas
9. Agrpecuária São Luiz S.A.
10. Comarco - Cia De Melhoramentos De Pau D'arco
11. Cia Berocan De Pecuária
12. Juruparana - Pastoril S.A.
13. Agro Pastoril - Industrial De Madeira S.A.
14. Jacutinga - Agropecuária S.A.
15. Pecosa - Agropecuária S.A.
16. Agrimsa - Agropecuária E Industrial Meinberg S.A.
17. Garantã - Agropecuária S.A.
18. Cia. Agropecuária Do Pau D'arco
19. Agropecuária Nazareth S.A.
20. Sangapoitan Pastoril S.A.
21. Agropecuária Belcon S.A.
22. Agro Pastoril Sul Do Pará S.A.

- 
23. Agropecuária Palmital S.A.
  24. Agro Pastoril Conceição Do Araguaia
  25. Guaraparã Agropecuária S.A.
  26. Agropecuária Bacuri S.A.
  27. Agropecuária Chupé S.A.
  28. Agropecuária Santa Ernestina S.A.
  29. Fazenda Alô Brasil S.A.
  30. Cia. Agropecuária Vale Do Arraias
  31. "Bos Indicus" Agropecuária S.A.
  32. Capss Cia. Agropecuária São Salomão
  33. Inga Agropecuária S.A.
  34. Nazaré Do Araguaia - Agricola E Pacuária S.A.
  35. Cia. Agropecuária Do Rio Araguaia - Carpa
  36. Acapu Agropecuária S.A.
  37. Agropecuária Para Garça S.A.
  38. Inajá-Porã Agroindustrial S.A.
  39. Capetinga - Agropecuária S.A.
  40. Agropecus - Colonizadora E Pecuária
  41. Agropecuária Sulpará S.A.
  42. Agropecuária Nova Leopoldina S.A.
  43. Agropecuária Grão Pará S.A.
  44. Agropecuária Nova Condespar S.A.
  45. Araxim Agropecuária S.A.
  46. Cia. Agropecuária Inaja - Capri
  47. Condespar - Cia. De Desenvolvimento Do Sul Do Pará
  48. Agropecuária Quixada S.A.
  49. Fazenda Riachuelo S.A.
  50. Projeto Severo Gomes

- 
51. Pecuária Santa Marina S.A.
  52. Arpa - Agropecuária Reunidas Paraense S.A.
  53. Pecuária Santa Lucia S.A.
  54. Cia. Agropecuária Do Jahú
  55. Divisa S.a. Agropecuária
  56. Agropecuária São Roberto S.A.
  57. Fazenda Carajá S.A.
  58. Fazenda Do Cedro S.A.
  59. Piquiá Agropecuária S.A.
  60. Fazenda Cristalina S.A.
  61. Agro Pastoril - Santo Antonio Do Só S.A.
  62. Suçuapara S.a. - Agropastoril
  63. Cia. Industria E Agro Pastoril Do Vale Do Campo Alegre
  64. Agropecuária Caiapo S.A.
  65. Compará - Cia. Agropecuária Do Campo Alegre
  66. Fazenda Caju S.A.
  67. Cia. Agro Pastoril Do Araguaia- Fazenda Santa Fé
  68. Fazenda Água Do Papagaio S.A.
  69. Fartura Agro-Industrial S.A.
  70. Agropecuária Barra Das Princesas S.A.
  71. Estância Santa Maria De Cima S.A.
  72. Estância Santa Maria De Baixo S.A.
  73. Propasa - Progresso Do Pará S.A.
  74. Agropecuária São Francisco S.A.



## Bibliografia

- MOREIRA NETO, C.A et al. A Cultura Pastoril do Pau D'Arco. Museu Goeldi: [s.n.], [-]. - p.
- DE ABREU, Capistano et al. Capítulos de História Colonial.
- M. ALDRIM, José et al. Entre Sertanejos e Índios no Norte - Biografia de Frei Domingos de Carrerot.
- COUDREAU, Henri et al. Voyage au Tocantins-Araguaya, 31 decembre 1896 - 23 maio 1897.
- PRADO JR., Caio et al. Formação do Brasil Contemporâneo.
- LEITE DE MORAES, J.A. et al. Apontamentos de Viagem.
- RIBEIRO DA SILVA, Hermano et al. Nos Sertões do Araguaia.

## Classificação

Desenvolvimento Regional - Frente de Expansão - Sul do Pará

## Ficha Técnica:

Criação e Edição - Bob Toledo

Direção de Arte - Leandro Afonso e Marcelo Breyne



*Agradeço à minha filha Lisandra, por me ajudar a tornar este livro possível, e à toda equipe do Sebastião Dias Sabá, em especial ao Uiramar de Moraes, o Bola-cha, que elaborou os mapas.*